

## ROTINA DE REPÓRTER:

### Um estudo genético sobre o processo de apuração e elaboração de uma grande reportagem<sup>1</sup>

Karine Moura VIEIRA<sup>2</sup>  
Mariana Brito CECCON<sup>3</sup>  
ESPM Sul, Porto Alegre, RS

## RESUMO

Este artigo propõe-se a identificar elementos que evidenciem a construção da reportagem da reportagem especial “Lições da Turma 11F”, de autoria da jornalista Letícia Duarte, e os critérios e valores-notícias presentes, através da aplicação das estratégias metodológicas da Crítica Genética. Pretende-se elucidar os caminhos percorridos e as escolhas feitas pela repórter, a partir dos documentos e registros do trabalho de apuração. Por meio do trabalho de análise pode-se compreender as dimensões da prática jornalística na construção de uma metodologia de investigação. A pesquisa mostrou, também, os limites e circunstâncias que condicionam esse processo de produção que se constrói no universo subjetivo da apuração do repórter.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Prática Jornalística; Reportagem; Valores-Notícia; Crítica Genética.

## INTRODUÇÃO

Uma reportagem jornalística tem início com a elaboração de uma pauta, que é um instrumento de organização interna e funciona como um roteiro que orienta o repórter ao longo do processo de apuração. Jorge (2008) explica que com a pauta é possível haver um planejamento da rotina dos jornalistas e também estabelecer padrões de produção de conteúdo. Na pauta, constam orientações dos editores para auxiliar o repórter na condução da apuração da reportagem. No entanto, apesar dos repórteres se esforçarem para cumprir esse roteiro, há circunstâncias que não podem ser previstas na redação. É na rua, quando está realizando o trabalho de apuração, que o jornalista é capaz de enxergar de fato a conjuntura do assunto que está investigando. Por isso, o repórter não deve se “amarrar” à

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, professora do curso de Jornalismo da ESPM-Sul. karinemourav@gmail.com

<sup>3</sup> Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo - pela Escola Superior de Propaganda e Marketing. marianabcecon@gmail.com.

pauta ou ao esquema que elaborou, mas sim apostar na sua sensibilidade e no seu “faro jornalístico”(MORAES JÚNIOR, 2007).

Contudo, no que tange à elaboração deste artigo, é preciso elucidar as particularidades das pautas que propõem reportagens especiais. Segundo Jorge (2008), elas demandam mais atenção, dedicação e tempo por parte dos repórteres. As pautas especiais exigem uma apuração mais complexa – pesquisa e trabalho de campo – e por isso demoram mais tempo para serem realizadas. Em geral, esse tipo de pauta resulta em matérias para cadernos especiais ou para edições de domingo, no caso da mídia impressa, trazendo à tona assuntos inéditos, descobertos pelo repórter. Dessa forma, Lage (2006) esclarece que é justamente a pauta, ou seja, o projeto de texto, que estabelece a distância entre dois formatos jornalísticos: a reportagem e a notícia.

Para as notícias, as pautas são apenas indicações de fatos programados, da continuação (suíte) de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramento. No restante, os sistemas de captação de notícias mantêm contato permanente com os setores que registram primeiro acontecimentos de interesse público, do Parlamento à delegacia de polícia. Reportagens supõem outro nível de planejamento. Os assuntos estão sempre disponíveis (a informação é a matéria-prima abundante como o ar, e não carente, como o petróleo) e podem ou não ser atualizados (ou tornados oportunos) por um acontecimento (LAGE, 2006, p. 55).

Quanto ao gênero, a reportagem pode ser de cunho interpretativo ou investigativo. Nos dois casos, é exigido do repórter textos mais extensos e aprofundados, se valendo de diversas fontes e muita apuração, como elucida Jorge (2008).

A grande reportagem é a caçada de acontecimentos incomuns e depende da argúcia e do espírito criador do jornalista. Gênero mais próprio das revistas, descoberto pelos jornais, principalmente para as matérias de fim de semana, pode ser planejada por um ou mais repórteres. O repórter deve ter faro para notícia, sensibilidade na criação de temas, cuidado na apuração e perfeccionismo na organização dos dados (2008, p. 86).

Sodré e Ferrari (1986) destacam que uma grande reportagem demanda um tratamento narrativo diferenciado. Os autores explicam que na reportagem é necessário haver um “quem” ou um “o quê”, de modo que esses dois elementos sejam abordados de uma forma humanizada, capaz de despertar interesse humano. “A humanização do relato, pois, é tanto maior quanto mais passa pelo caráter impressionista do narrador” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 15).

Posto isso, os autores defendem que o repórter atua como um mediador entre o leitor e o acontecimento. A função do repórter é diminuir as distâncias de forma que a narrativa

deve estar embutida de um tom impressionista que favoreça a aproximação. “Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 15). Porém, eles salientam que os relatos jornalísticos, apesar de estarem carregados de elementos emocionais, devem ser precisos e verossímeis.

Para tanto, a apuração é uma etapa fundamental da consolidação de uma reportagem de fôlego. O trabalho de apuração consiste no caminho percorrido pelo repórter até a finalização e publicação do texto. Apurar é observar, sentir, investigar, ir ao campo, colher informações, extrair e interpretar dados, averiguar e verificar situações e entrevistar e questionar as pessoas envolvidos ou afetadas por determinada conjuntura. Segundo Charaudeau (2010), no âmbito do jornalismo, a narrativa de um acontecimento tem como efeito a construção de um discurso midiático.

O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos (2010, p. 151).

Apesar de os veículos de comunicação ressaltarem que adotam posturas imparciais, objetivas e neutras, é impossível informar sem fazer escolhas, sem atribuir valor para alguns aspectos em detrimento de outros. Os fatos para serem noticiáveis devem atender a requisitos como proximidade, atualidade e ineditismo.

Nesse sentido, é pertinente para o campo da pesquisa jornalística analisar como se dá o processo de elaboração de uma reportagem de fôlego, buscando compreender, assim, quais critérios o jornalista valeu-se na tomada de decisões e, com base nisso, elucidar se as escolhas foram baseadas em critérios pessoais ou de ordem coletiva.

Então, essa pesquisa propõe recuperar um processo de criação de uma reportagem a partir da análise dos documentos de produção do repórter, isto é, os rastros deixados pelo jornalista ao longo da apuração até a conclusão do texto final com o objetivo de evidenciar os valores-notícia embutidos. Para isso, a pesquisadora vale-se da Crítica Genética como metodologia de análise.

## **CRÍTICA GENÉTICA**

O método genético parte do princípio de que o texto final é o resultado de um trabalho de elaboração progressiva. Visto isso, essa linha de pesquisa se dispõe a deslocar o

foco da obra final para então acompanhar o processo gradual de criação desta. “A crítica genética surgiu com o desejo de melhor compreender o processo de criação artística, a partir dos registros desse seu percurso deixados pelo artista” (SALLES, 2008, p. 20-21). Sendo assim, a obra final é uma consequência de um complexo processo feito de pesquisas, esboços e ajustes que caracterizam os rastros deixados pelo autor.

Por isso, para a uma obra poder tornar-se objeto de estudo, é preciso que o seu criador tenha deixado “rastros” ao longo do percurso de construção de sua obra. São justamente esses indícios materiais que a genética textual se propõe a reencontrar e compreender (BIASI, 2010). Uma vez que se lida com os registros que o autor fez durante o processo de elaboração de sua obra, acompanha-se seu esforço constante e, dessa forma, é possível observar que o ato criador é consequência de um processo de contínua metamorfose (SALLES, 2008).

Sendo assim, os rastros deixados pelo repórter são denominados de documentos de processo. Isto é, são os materiais utilizados pelo jornalista durante o processo criativo de produção da reportagem, como os blocos de anotações, os esboços de textos e as notas feitas durante a apuração da matéria – pesquisas e saídas de campo. Eles representam os indícios do jornalista em ação e, conseqüentemente, são vistos pelo crítico genético como “testemunhos materiais de um processo evolutivo de criação” (SALLES, 2008, p. 50), que evidenciam movimentos que dificilmente podem ser identificados no texto final reportagem. Os documentos de processo são capazes de revelar as discussões que um jornalista trava com ele mesmo, mostrando o íntimo de seu processo criativo.

### **“LIÇÕES DA TURMA 11F”**

A pesquisadora escolheu como objeto de estudo a reportagem especial do jornal *Zero Hora*: “Lições da Turma 11F”, veiculada em 22 de dezembro de 2013. A repórter Letícia Duarte e o fotógrafo Felix Zucco acompanharam, durante todo o ano letivo, uma turma do primeiro ano do Ensino Médio de uma das escolas públicas mais tradicionais do Rio Grande do Sul, o Colégio Júlio de Castilhos, também conhecido como “Julinho”. O objetivo do especial era mostrar a realidade do ensino público no Estado, sob o ponto de vista dos 39 alunos matriculados na turma 11F. Além do acompanhamento em sala de aula, a jornalista também visitou alguns alunos em casa, no trabalho e em outros ambientes que interagem com a escola (GRUPO RBS, 2014). Na matéria são abordados temas, como evasão escolar, carência de professores e falta de estrutura para resgatar os alunos ausentes.

“Lições da Turma 11F” foi capa da edição do domingo do jornal *Zero Hora*, mas a reportagem também ganhou uma página especial em formato multiplataforma na internet<sup>4</sup>.

## ETAPAS DO ESTUDO GENÉTICO

O trabalho do crítico genético é tornar legível os documentos de processo obtidos, de modo que a crítica genética possa embasar seu estudo interpretativo. Para tanto, é necessária a realização de cinco etapas de pesquisa. A **primeira etapa** trata-se da constituição do dossiê genético, que corresponde ao conjunto de documentos ligados à gênese que está sendo estudada. Segundo Salles (2008), é pela constituição do dossiê genético que tem início o trabalho do crítico genético. O objetivo é organizar e tornar legíveis os documentos de processo que o pesquisador tem em mãos.

O estudo de investigação sobre o processo criativo de produção da reportagem especial “Lições da Turma 11F” tem como princípio a constituição dos documentos utilizados pela repórter Letícia Duarte durante os meses de apuração. Com o intuito de constituir o dossiê de gênese, a pesquisadora fez contato com a jornalista para explicar a proposta do estudo. Após as explicações, Letícia Duarte concordou em disponibilizar os documentos de processo do especial “Lições da Turma 11F”, embora não possuísse mais os blocos de anotações da época da reportagem (2013). Porém, a jornalista ainda tinha e-mails com transcrições das informações apuradas e os cedeu para a realização desta pesquisa.

Sendo assim, é necessário explicar o método de apuração da jornalista na reportagem em questão. Letícia registrava em seu bloco de notas as observações que fazia durante o acompanhamento das aulas da turma 11F, assim como anotava as informações apuradas nas entrevistas. Ela também fazia gravações das aulas e entrevistas para que, se necessário, pudesse consultar o áudio para confirmar as informações.

Depois, a repórter transcrevia para o computador as anotações dos blocos, trechos de gravações de áudio e a decupagem do material de vídeo. Com o objetivo de armazenar de forma segura o conteúdo da apuração, Letícia fazia as transcrições no corpo do e-mail – isto é, na caixa de texto do e-mail pessoal dela – e encaminhava a mensagem para o próprio e-mail, fazendo de sua caixa de entrada um repositório desses documentos de processo.

Para a realização deste trabalho, Letícia recuperou esses e-mails e encaminhou para a pesquisadora. Dessa forma, o dossiê genético é constituído pelos 22 e-mails cedidos pela jornalista, que contêm informações apuradas durante os meses de elaboração da reportagem

---

<sup>4</sup> Versão multiplataforma da reportagem especial “Lições da Turma 11F”:  
[http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/zh\\_turma11f/index.html](http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/zh_turma11f/index.html)

“Lições da Turma 11F”. Nos arquivos fornecidos, constam lista de chamada com perfil e contato de cada aluno; anotações e registros sobre as imersões que fez na turma; trechos de transcrições de entrevistas; tentativas de organização do material; sugestão de cases para serem aprofundados; dados sobre o índice de evasão da 11F e da rede estadual do Rio Grande do Sul e do Brasil; dados sobre a falta de professores; listagem dos alunos que evadiram, que foram transferidos e que continuam acompanhando as aulas; decupagem dos vídeos; esquema para organizar a matéria, rascunhos de oito blocos de textos da reportagem; três manuscritos da matéria e a versão final do texto em PDF.

Ao transcrever o conteúdo dos blocos de anotações, da decupagem dos vídeos e das gravações de áudio feitas durante a apuração, Letícia aplica um processo de seleção e organização do material. Do universo de informações apuradas e que estavam disponíveis nos blocos de anotações e nas gravações da repórter, ela selecionou as informações mais importantes, do ponto de vista dela, para transcrever para o computador. Nesse método estão embutidos critérios definidos pela jornalista a fim de extrair e colocar em evidência os dados mais relevantes para o desenvolvimento da reportagem. Sendo assim, os documentos de processo obtidos através dos e-mails foram submetidos a um juízo da repórter. Não cabe, portanto, a pesquisadora questionar o processo de seleção adotado por Letícia na constituição desses e-mails.

Seguindo o protocolo de processos da crítica genética, após a coleta dos documentos de processo, inicia-se a **segunda etapa**: organização do material. Ou seja, é preciso inventariar, classificar, datar e decifrar todas as peças do dossiê genético estudado. A **terceira etapa** consiste na elaboração do prototexto, que é um novo texto constituído pelo crítico genético. “O prototexto é uma produção crítica: ele corresponde à transformação de um conjunto empírico de documentos em um dossiê de peças ordenadas e significativas” (BIASI, 2010, p. 41).

Trata-se, segundo Vieira (2011, p. 80), do momento “em que o dossiê genético sai do estado bruto e passa a ter uma organização, uma ordenação de produção, com a classificação das peças”. Conforme Salles (2008), o prototexto não é o conjunto de documentos, mas um novo texto resultado de uma elaboração teórico-crítica e, por isso, não existe em nenhum lugar fora do discurso crítico que o produz, sendo originado a partir dos documentos de processo sob o ponto de vista crítico, seletivo e subjetivo do pesquisador.

Após o crítico genético realizar o recorte do material e definir os documentos de processo que serão os objetos finais de análise com base nos objetivos de pesquisa

propostos, iniciam-se as **etapas finais** do processo de aplicação metodológica: transcrição e interpretação. Essas duas fases ocorrem de forma simultânea e paralela e resultam em um deciframento integral dos documentos.

## VALORES-NOTÍCIA

Os jornalistas construíram hábitos mentais, ou seja, “formas de ver” que são condicionadas pelos critérios de noticiabilidade – elemento central da cultura jornalística (MOREIRA, 2006). Para Traquina (2008), os valores-notícia são como os óculos particulares de um jornalista que influenciam o modo de ver do profissional. O autor conceitua noticiabilidade como “o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possui valor como notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 63).

Sendo assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que definem se um acontecimento é passível de tornar-se uma matéria noticiável. Isto é, os valores-notícia são onipresentes ao longo do processo de produção jornalística (seleção dos acontecimentos e construção da notícia). Logo, os profissionais do campo jornalístico valem-se desses valores-notícia na seleção dos acontecimentos do mundo real e na construção das histórias que contam.

Para Moreira (2006) a autora, essa relevância atribuída ao valor-notícia não está no fato em si, mas a partir pelo relato jornalístico e pelas escolhas do jornalista.

O que vemos na capa de um jornal, por exemplo, podem ser tanto os valores que os jornalistas realmente enxergaram nos fatos como aqueles que os fatos não têm, mas que os profissionais desejariam que tivessem e que, no texto, acabarão presentes, através do realce ou omissão de certos aspectos dos acontecimentos. Essa relação entre o jornalista-observador e o fato observado influi na concepção de valor-notícia, pois o “valor” de que falamos está relacionado a juízo subjetivo. Ao mesmo tempo, ele é tratado pela maioria dos autores como algo objetivo (MOREIRA, 2006, p. 36).

Além disso, a autora avalia que a maioria dos autores usam os termos “valores-notícia” e “critérios de noticiabilidade” sem distinção. Alguns pesquisadores usam “valores-notícia” para reportar-se aos atributos dos fatos. Já o termo “critérios de noticiabilidade” é empregado quando fazem alusão não só ao fato, mas também à conjuntura em que eles são percebidos e selecionados, compreendendo os demais elementos que possam influenciar na veiculação da notícia. Ela destaca que os autores que trabalham com critérios de noticiabilidade adotam uma interpretação mais objetiva do processo

produtivo da notícia, como se fosse possível uma separação entre o fato e o jornalista. Já os pesquisadores que compreendem a seleção de notícias a partir do conceito de valor-notícia propõem-se a reconhecer “o pertencimento mútuo entre jornalista e fato, tratando o relato como um texto que poderá vir a ser até mesmo bastante ficcional, uma verdadeira ‘estória” (MOREIRA, 2006, p. 39). Sendo assim, os valores-notícia são subjetivos e, a propósito, o fato pode não ser mesmo um fato, ou não conter esses valores, mas estes foram concedidos no texto: “Tanto os sujeitos como as rotinas e também certos segmentos sociais, por exemplo, são agentes de valoração e construção das notícias” (MOREIRA, 2006, p. 40).

Para este trabalho, adotou-se a sistematização elaborada e apresentada por Moreira (2006) em sua dissertação de mestrado, na qual pesquisou os valores-notícia no jornalismo impresso brasileiro a partir da análise de 13 estudos sobre o tema<sup>5</sup>. Veja o Quadro 1 a seguir:

**Quadro 1** - Síntese dos valores-notícia elaborada por Moreira (2006)

**Síntese dos valores-notícia**

<b>POLÍTICA EDITORIAL</b>														
<b>INTERESSE</b>														
ATUALIDADE / INEDITISMO	<b>IMPORTÂNCIA</b>				EMOÇÃO / DRAMATICIDADE	ENTRETENIMENTO	SUSPENSE	<b>EXCEPCIONALIDADE</b>			CONFLITO / CONTROVÉRSIA	<b>NEGATIVIDADE</b>		<b>INTERESSE PÚBLICO / SOCIAL</b>
	CONSEQÜÊNCIAS	AMPLITUDE / IMPACTO	INTENSIDADE / GRAVIDADE	UTILIDADE / SERVIÇO				NOTORIEDADE DOS AGENTES	EXTRACORDINÁRIO / SENSACIONAL	INCOMUM / INSÓLITO / SINGULAR		MUDANÇA	IMPREVISIBILIDADE / INESPERADO / SURPRESA	

Fonte: MOREIRA, 2006, p. 99.

Sendo assim, a autora conjectura que todos os valores-notícia estão condicionados a uma política editorial, por isso esta foi incluída no topo do quadro. Embora a política editorial não seja um valor-notícia, mas um critério de noticiabilidade, ela foi incluída para contextualizar o processo de noticiabilidade. Além disso, no quadro, no item que se segue a

<sup>5</sup> O quadro proposto por Moreira (2006) foi elaborado a partir de 13 trabalhos: Walter Lippmann (1922), Wilbir Schramm (1949), Fraser Bond (1962), Johan Galtung e Mari Ruge (1965), Herbert Gans (1970), Richard Ericson, Patricia Baranek e Janet Chan (1987), Mauro Wolf (1989), Teun Van Dijk (1990), Pamela Shoemaker (1991), Mar de Fontcuberta (1993), Stella Martini (2000), Lorenzo Gomis (2002) e Nelson Traquina (2002).

política editorial, vem a palavra interesse. Isso ocorre porque, conforme Moreira (2006), todas as notícias possuem interesse, que é um valor-notícia é indispensável.

Desta maneira, são listados os seguintes valores-notícia: atualidade/ ineditismo, importância, emoção/ dramaticidade, entretenimento, suspense, excepcionalidade, conflito/controvérsia, negatividade, proximidade e interesse público/ social. Na sistematização proposta por Moreira (2006), alguns valores aparecem associados. Ela organizou dessa forma porque esses valores apresentam sentidos semelhantes.

A autora explica que o valor “atualidade/ ineditismo” também aparece na literatura como identificado como “novidade”. Isso evidencia uma característica do valor “atualidade” que é estar condicionado ao fator tempo, no qual designa se a notícia é nova ou não. Já o “ineditismo” está relacionado ao fato da notícia ainda não ter sido publicada em nenhum veículo. Assim, apenas matérias factuais contêm esses valores.

O valor “importância” é subdividido em cinco categorias que atuam como indicativos da relevância dos fatos, são elas: consequências, amplitude/ impacto, intensidade/ gravidade, utilidade/ serviço e notoriedade dos agentes.

“Emoção/ dramaticidade”, “suspense” e “entretenimento” são valores relativamente próximos, como explica a autora. Eles atuam como valores de construção, atribuindo efeito às chamadas e normalmente aparecem em títulos mais criativos do que informativos. A categoria “entretenimento” é aplicada quando a leitura da matéria é considerada um entretenimento, no sentido de distração e descontração, como é o caso de notícias acerca de temas leves. Contudo, reportagens sobre shows, por exemplo, não se enquadram, pois, entretenimento é o assunto da notícia e não um valor-notícia.

Já o valor “excepcionalidade” faz uma alusão a fatos considerados incomuns por apresentarem situações diferentes do habitual, promovendo, assim uma ruptura da normalidade. Dito isso, o valor “excepcionalidade” tem quatro subdivisões: extraordinário/ sensacional, incomum/ insólito/ singular, mudança, imprevisibilidade/ inesperado/ surpresa.

O valor “negatividade” se manifesta por meio de quatro categorias: infração/ ilegalidade, negatividade, falha/ anormalidade e violência. A “negatividade” é classificada concomitantemente como um valor e como um subvalor, visto que “encontramos assuntos como a morte, que se enquadram diretamente em ‘negatividade’, mas não em ‘violência’” (MOREIRA, 2006, p. 104). Já o valor “conflito/controvérsia” aponta existência de tensão, polêmica ou contradição. A categoria não foi incluída em “negatividade” já que não é todo o conflito que é negativo.

O valor “proximidade” tem ligação com a localização geográfica e com as manifestações culturais. Dito isso, a autora considera notícias com valor “proximidade”, aquelas que apresentam conteúdo de âmbito nacional. Por fim, “interesse público/ social” difere-se de “interesse” por dizer respeito ao interesse de toda a sociedade e não apenas de segmentos específicos. “As notícias de interesse público, num sentido estrito são as que permitem atender ao direito dos cidadãos à informação pública, um direito social” (MOREIRA, 2006, p. 105).

As notícias que têm “interesse público/ social” representam um jornalismo que vai além da capacidade de informar, mas também tem habilidade de formar o cidadão. Isto é, são notícias que o cidadão “precisa” e “deve” saber. Fazem parte dessa categoria as notícias que envolvem as temáticas de saúde e educação, por exemplo. Já o “interesse” abarca matérias que as pessoas apenas “querem” saber, o que pode ser uma curiosidade ou uma informação de interesse público.

### **VALORES-NOTÍCIA DA REPORTAGEM “LIÇÕES DA TURMA 11F”**

Durante a análise dos documentos que compõem o dossiê genético cedido por Letícia Duarte, é possível verificar marcas da produção jornalística. São rastros que evidenciam o processo criativo de produção e apuração da reportagem especial “Lições da Turma 11F”. Com base nesses registros, é possível desvendar os valores-notícia empregados pela repórter durante a apuração da reportagem. Esses valores condicionaram o “olhar” de Letícia Duarte ao longo do processo de investigação, de modo que as decisões tomadas, como quais histórias merecem mais destaque, seguiram essa lógica.

Nos documentos de processo, é possível perceber o interesse da repórter acerca da temática da evasão. A jornalista “buscava”, durante as imersões feitas em sala de aula, casos de alunos que abandonaram os estudos. Essa procura pela temática evasão está relacionada com a concepção inicial da pauta, que tinha como proposta fazer uma matéria sobre evasão escolar, um dos principais problemas do ensino público no Brasil.

Porém, como a própria repórter evidenciou na reportagem, o índice de evasão da 11F foi de 10,5%, percentual equivalente à média da rede estadual no País, mas inferior à gaúcha, de 11,7% na época. Sendo assim, a matéria não se enquadrava no valor-notícia de “intensidade/ gravidade” (MOREIRA, 2006), já que a 11F não se destacou por ter sido uma turma com alto índice de evasão ou então pelo contrário, por ter tido um pequeno percentual de alunos que abandonaram os estudos.

Fica evidente nos documentos de processo o interesse de Letícia Duarte nos casos de estudantes que evadiram, dado que há várias marcações reiterando que eles haviam interrompido o ano letivo e os motivos que os levaram para esta situação. Andressa, Thiago, Joice e Jordana foram os quatro estudantes da turma que evadiram ao longo do ano letivo. Destes, Andressa e Thiago tornaram-se personagens do especial. Ao analisar a matéria final, a escolha da evasão como critério se enquadra em três categorias de valores-notícia propostas por Moreira (2006): “interesse público/social” “negatividade” e “falha/anormalidade”.

Andressa dos Santos Souza foi um dos cinco estudantes que Letícia Duarte deu destaque na reportagem “Lições da Turma 11F”. A jovem, na época com 18 anos, cursava pela terceira vez o primeiro ano do Ensino Médio, abandonou, mais uma vez, os estudos para assumir uma vaga de emprego de turno integral.

Ao longo dos 175 documentos cedidos pela jornalista, há diversos registros com o nome de Andressa, indicando a importância que a jovem tinha para o desenvolvimento da reportagem. Destacam-se as anotações feitas no dia 6 de maio de 2013 que, durante uma visita à turma 11F, Letícia acompanhou a aula da disciplina de Literatura, na qual ocorria uma prova oral sobre livros de autores gaúchos. Foi o primeiro indício de que a história de Andressa despertou a curiosidade da repórter.

Das anotações de Letícia, é possível destacar dois trechos que evidenciam que a jornalista se interessou tanto pela atuação da professora de literatura, que busca incentivar a leitura dos alunos, quanto pela trajetória de Andressa. Por exemplo, quando ela faz referência à emoção da professora e destaca que é uma história que vale a pena ser contada: “Se emociona quando leem. Vibra com eles. É um bom case”. Também quando a jornalista destaca Andressa, entre todos os alunos presentes na aula, e dá ênfase a conquista da jovem que, aos 18 anos, concluiu pela primeira vez a leitura de um livro.

De acordo com a classificação dos valores-notícia elaborada por Moreira (2006), a emoção da professora ao falar das dificuldades em estimular os alunos a terem o hábito da leitura se enquadra nos valores “emoção/dramaticidade”. Nos trechos que se refere à Andressa, Letícia Duarte destaca o fato inédito na vida da jovem até então: ler um livro inteiro. Nesse caso, enquadra-se no valor “excepcionalidade” por tratar-se de um fato incomum. É fora do padrão esperado uma estudante ler o primeiro livro aos 18 anos. Esse aspecto da trajetória escolar de Andressa foi justamente o título adotado para a retranca da reportagem que conta a vida da jovem: “Primeiro livro aos 18 anos”.

Apesar das dificuldades, a jovem demonstrava empenho em concluir os estudos dessa vez. No entanto, a necessidade de ajudar nas despesas da casa fez com que Andressa trocasse de emprego. No primeiro trimestre do ano letivo, a jovem trabalhava no telemarketing de uma operadora de TV, internet e telefone. A jornada de trabalho dela começava por volta das 14h40 e se estendia até 21h, contabilizando uma carga horária de pouco mais de seis horas. Porém, devido às dificuldades financeiras que a família enfrentava, Andressa aceitou uma vaga de trabalho de turno integral em uma loja de roupas no Centro de Porto Alegre. A mudança de curso na vida de Andressa que, tentava pela terceira vez concluir o primeiro ano do Ensino Médio, chamou a atenção de Letícia Duarte que, inclusive, destaca isso no texto final da reportagem “Lições da Turma 11F”.

*Ela acreditava que neste ano tudo seria diferente. Pelo menos até o início de maio, quando comemorava sua superação literária. Só que, como Andressa aprendeu cedo, os finais nem sempre são como se espera. Antes do segundo trimestre, tudo mudou (ZERO HORA, 2013).*

Neste caso, o interesse de Letícia com a história de Andressa está relacionado ao valor-notícia de “excepcionalidade”, que, neste momento, se expressa nos fatores “imprevisibilidade/ inesperado/ surpresa”. Não era esperado que Andressa interrompesse os estudos.

Em uma das duas visitas feitas por Letícia Duarte à Andressa na loja, foi realizada uma entrevista de vídeo que foi utilizada na versão *online* da reportagem. O material traz imagens da adolescente atendendo os clientes e circulando pelo estabelecimento e também trechos de entrevista, nos quais ela fala sobre ter abandonado mais uma vez os estudos. Em seu depoimento no vídeo, Andressa fala sobre os motivos que a levaram a desistir do colégio, das dificuldades financeiras que enfrenta, o sonho de ser médica e o desejo de retomar os estudos. Durante a edição do material, Letícia optou por incluir trechos da entrevista em que a jovem se emociona ao falar do abandono aos estudos. Pelo teor do material, contata-se que a jornalista se valeu, mais uma vez, do valor-notícia da “emoção/dramaticidade”, como explicita Moreira (2006).

Portanto, a trajetória de Andressa se enquadra em diferentes valores-notícias, de acordo com a classificação de Moreira (2006). Estão presentes subvalores, como “incomum/ insólito/ singular”, por tratar-se de uma jovem de 18 anos, que repetia pela terceira vez o primeiro ano do Ensino Médio, e recém tinha obtido a conquista de ler um livro inteiro. Mas, sobretudo, se destacam os valores “emoção/dramaticidade” e “interesse

público” porque, mais uma vez, Andressa não concluiu os estudos e isso porque teve que optar por um emprego melhor já que ajuda nas despesas da casa.

Outro aluno que recebeu destaque na reportagem especial foi Thiago, nome fictício, adotado pela repórter Letícia Duarte para preservar a identidade do adolescente cuja história é retratada em “Lições da Turma 11F”. O jovem foi internado na Fundação de Atendimento Socioeducativo (Fase) após ser apanhado em flagrante com um revólver 38 carregado e 26 pedras de crack.

Nos rastros deixados pela repórter, fica evidente que após a evasão, Thiago assumiu um protagonismo na reportagem. No esquema a seguir, elaborado pela autora da reportagem, é possível identificar que o tráfico e a evasão foram critérios que embasaram a escolha dela. Essa decisão de Letícia pode ser embasada pelos valores-notícia “falha/anormalidade”, “infração/ilegalidade” e “violência”, propostos por Moreira (2006).

*JULINHO - TURMA 11 F*

*Andressa (trabalho)\*\*\* repetiu 3x - abandonou - ligar 8h quinta-feira - ou 21h*

*Joice (família/trabalho) -*

*Jordana (família/doença) - está morando em imbé*

*Thiago (tráfico/Fase) \*\*\* trabalhava/desandou ( vai ser case?) - ligar para o pai - Santa Tereza*

*Guilherme ( vai jogar) \*\*\*\* trocou escola pelo futebol - quarta, 14h, treinamento*

Além disso, outro tópico bastante presente nos materiais de apuração da jornalista é a greve dos professores. Em vários documentos que contêm anotações sobre as imersões nas aulas e sobre entrevistas com professores e alunos está presente a questão da paralisação dos professores. A temática ganhou tanta importância que uma das retrancas da reportagem foi destinada a abordar a greve do magistério no contexto do Colégio Estadual Júlio de Castilhos. A repórter fez uma entrevista com o diretor do “Julinho” na época, Antonio Esperança, e questionou sobre a quantidade de professores que aderiram ao movimento e também sobre como ocorreria a recuperação das aulas. Porém, durante a conversa, Antonio também falou sobre o desejo de voltar a dar aulas e sobre o dilema que viveu ao longo da greve. Antes de se tornar diretor, Antonio era, tradicionalmente, um grevista, mas em sua nova posição viu-se obrigado a fazer uma mediação entre os professores que aderiram ao movimento e os não grevistas.

No texto final da reportagem, Letícia Duarte utilizou o impasse vivido pelo diretor como mote da retranca que abordou a greve dos professores no contexto do “Julinho”. A retranca foi justamente intitulada: “Greve: dilema do diretor”. No texto, constam a reivindicação dos professores, os dados sobre a adesão ao movimento e a forma como as aulas foram recuperadas, embora o conflito vivido por Antonio Esperança seja o destaque da passagem. A repórter decidiu priorizar no texto aspectos de interesse humano, no caso os sentimentos do diretor com relação a greve, seguindo o princípio de que uma grande reportagem requer uma narrativa diferenciada, capaz de promover um relato humanizado que desperte o interesse do leitor (SODRÉ; FERRARI, 1986).

Outros trechos do texto que demonstram o interesse da repórter pelas “falhas do ensino público”, são as retrancas: “*Falta estrutura para resgatar alunos ausentes*” e “*A professora volta, mas não termina o ano letivo*”. Na primeira, é retratado o trabalho da orientadora educacional, Gina Marques, responsável por ligar para casa dos alunos que não tinham frequência em sala de aula. Porém, o aparelho de telefone foi instalado na sala dela apenas em agosto, cinco meses após o início das aulas.

A segunda retranca fala da professora Gilcéa da Rosa Oliveira que, após três anos fora da sala de aula por causa da depressão, volta a ministrar aulas de matemática. A educadora iniciou as aulas no dia 12 de junho, no segundo trimestre do ano letivo, até então os alunos estavam sem aulas de seminário de matemática. Porém, quatro meses depois ela se afastou novamente das salas de aula e entrou em licença médica devido ao rompimento de menisco. A turma ficou sem aula da disciplina mais uma vez.

A escolha da repórter em abordar os casos da educadora que não tinha telefone para ligar para os alunos e o da professora que deu aulas apenas durante quatro meses se enquadram no valor-notícia “falha/anormalidade” (MOREIRA, 2006), já que são episódios que retratam as falhas da rede pública de ensino. Sendo assim, a reportagem em questão apresenta um diário de classe da turma 11F, contando as histórias dos alunos e professores. A repórter elucidada, a partir do microcosmo da turma, a realidade que está por trás do ensino público no Rio Grande do Sul. Durante a apuração, Letícia Duarte definiu critérios na seleção dos fatos noticiáveis, priorizando as temáticas da evasão escolar, carência no quadro de professores, greve do magistério estadual, comportamento dos alunos em sala de aula e falta de infraestrutura no colégio.

A deflagração da greve dos professores foi um acontecimento factual – não era algo esperado –, mas influenciou na condução da reportagem. Além disso, os valores-notícias

que mais aparecem na reportagem, conforme classificação de Moreira (2006), são “emoção/dramaticidade” e “falha/anormalidade”. Para tanto, com base nas anotações que a pesquisadora teve acesso, se sobressaem os rastros de apuração das histórias de Andressa e Thiago, dois alunos que evadiram. Dentro do universo do dossiê genético, são as duas histórias que mais se destacam. Além de serem dois casos de evasão escolar, são histórias que contêm interesse humano e se enquadram nos valores-notícia “emoção/dramaticidade” e “falha/anormalidade”. Aliás, outra característica do método da jornalista Letícia Duarte é valorizar os relatos humanizados. Todas as histórias contadas possuem um viés narrativo diferenciado, priorizando os personagens e seus sentimentos.

## REFERÊNCIAS

- BIASI, Pierre-Marc de. **A genética dos textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.
- JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do Foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2012.
- \_\_\_\_\_. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2006.
- MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy: Transsexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.
- MORAES JUNIOR, Enio. **A pauta: o roteiro da reportagem**. São Paulo: Jornal Jovem, 2007. Disponível em: <[http://www.jornaljovem.com.br/edicao8/editorial\\_dicas01.php](http://www.jornaljovem.com.br/edicao8/editorial_dicas01.php)>. Acesso em: 5 abr. de 2015.
- MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso: Análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7773/000556586.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2015.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em "tempo real": o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. São Paulo: EDUC, 2008.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2008.
- VIEIRA, Karine Moura. **O desafio de narrar uma vida: a crítica genética no estudo da biografia como gênero jornalístico**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30217/000780409.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 6 dez. 2015.
- ZERO HORA. **Lições da Turma 11F**. Disponível em: <[http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/zh\\_turma11f/index.html](http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/zh_turma11f/index.html)>